

HISTÓRIA DO MUNDO ÁRABE MEDIEVAL

MÁRIO CURTIS GIORDANI

Titular de Direito Romano da Faculdade de
Direito Cândido Mendes, RJ

4ª Edição

FICHA CATALOGráfICA

*(Preparada pelo Centro de Catalogação-na-Fonte do
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ)*

Giordani, Mário Curtis.
G421h História do mundo árabe medieval. Petrópolis,
Vozes, 1985.
384p. Ilust. 23cm.
Bibliografia.
I. Civilização árabe — História — Período
medieval. I. Título.
CDD — 953.02
CDU — 953
76-0013



VOZES

Petrópolis
1997

CAPITULO I

O Quadro Geográfico

INTRODUÇÃO

VAMOS iniciar este estudo do Mundo Árabe Medieval proporcionando ao leitor uma rápida visão do quadro geográfico em que encontra suas raízes a Civilização Árabe.

Cremos ser conveniente, a título de introdução ao presente capítulo, dizer algumas palavras sobre como se processou o acesso às fontes disponíveis para o estudo da Arábia pré-islâmica, fontes essas constantes principalmente de inscrições que foram inicialmente reveladas ao Ocidente através de audazes viajantes que nessa tarefa não raro arriscaram a própria vida.¹

A partir do século XVIII, com a expedição enviada pelo rei da Dinamarca em 1761, começa o que se poderia chamar a redescoberta da Arábia pelos modernos europeus. Nessa expedição científica tomou parte o erudito Carsten Niebuhr (pai do historiador Berthold Georg e estudioso da escrita cuneiforme) que publicou em 1772 uma descrição da Arábia, tendo sido o primeiro a revelar a existência das inscrições sul-arábicas.²

Em 1812 o suíço Johann Ludwig Burckhardt, disfarçado em mulmano e com o falso nome de Ibrahim ibn Abdullah, visitou Meca e Medina.

Em 1843 Th. S. Arnaud, que descobriu as ruínas de Mar'ib, copiou, com risco da própria vida, cerca de sessenta inscrições.

Em 1853 o inglês Sir Richard F. Burton, disfarçado em peregrino, visitou as cidades santas tendo descrito sua arriscada aventura em dois volumes.

Em 1869-1870 o francês Joseph Halévy, disfarçado de mendigo judeu de Jerusalém, descobriu as inscrições himiaritas, tendo sido o primeiro europeu, depois de Elio Galo (24 aC), a visitar Najran no al-Yaman. Halévy conseguiu trazer consigo 685 inscrições de trinta e sete diferentes localidades.³

Em 1875 o inglês Charles Montagu Doughty percorreu o norte da Arábia. Sua viagem foi descrita em «*Travels in Arabia Deserta*», obra considerada um clássico da Literatura Inglesa.⁴

Em 1879 Lady Anne Blunt chegou a Najd procurando, entre outras coisas, cavalos árabes.

Entre 1882 e 1894 o austriaco Eduardo Glaser empreendeu quatro expedições científicas ao al-Yaman que lhe renderam cerca de 2.000 inscrições.

Para terminar, lembremos, ainda, a título de exemplo, três exploradores do século XX: Eldon Rutter (que visitou Meca e Medina em 1925-26); Bertram Thomas, jovem orientalista inglês, que em 1931 cruzou pela primeira vez o grande deserto meridional da Arábia, al-Rab al-Khali; H. St. J. B. Philby que em 1932 também percorreu o Rab em sentido leste-oeste, partindo de al-Hufuf, nas proximidades do Golfo Pérsico.

Recentes expedições de exploração organizadas, v.g., pela Universidade de Lovaina (1951-1952) e pela American Foundation for the Study of Man (a partir de 1950) ampliaram o número de inscrições obtidas que constituem uma excelente fonte para o estudo da Arábia pré-islâmica.

A essas fontes diretas poderíamos acrescentar as fontes indiretas como as tradições mantidas através da literatura árabe-islâmica (que revestem quase sempre um carácter lendário), e as referências contidas nas inscrições hieroglíficas e cuneiformes, no texto bíblico e nas obras gregas ou latinas. Focalizaremos, mais adiante, estas últimas fontes quando estudarmos o item «A Arábia e o Mundo Antigo».

DESCRIÇÃO GERAL

Os autores clássicos dividiam a Península Arábica em três regiões: Arábia Felix, Arábia Petraea e Arábia Deserta. Essa divisão corresponde à situação política do país no primeiro século da era cristã: a primeira era independente, a segunda estava sujeita a Roma, a terceira estava parcialmente submetida, ao menos nominalmente, aos partas. A Arábia Petraea abrangia a península do Sinai e o reino dos nabateus cuja capital era Petra. A Arábia Deserta incluía o deserto sirio-meso-potâmico e a Arábia Felix compreendia o restante da península cujo interior era quase totalmente desconhecido.

É interessante lembrar que o grande geógrafo Ptolomeu possuía suficientes informações sobre a península para poder traçar um mapa da Arábia com uma relativa exactidão.

Os árabes chamavam sua terra Djazirat al-Arab, a «ilha dos árabes». A Arábia é uma península de imensa extensão contando mais de 3.000.000 km². Uae-se, pelo norte, ao continente asiático, limita-se a oeste pelo Mar Vermelho; a leste pelos Golfo Pérsico e o Golfo de Omã; ao sul pelo Oceano Índico. No extremo norte encontram-se o deserto da Síria e o rio Eufrates.*

Nas zonas litorâneas da península encontramos cadeias de montanhas que acompanham aproximadamente a costa. Assim, por exemplo, quem viaja pelo Mar Vermelho margeando a península arábica percebe altos cumes de montanhas que se elevam nas proximidades do mar. A medida que se penetra no interior em direção a leste, nota-se que essas

montanhas vão perdendo altura progressivamente até se nivelarem e formarem um grande planalto com planícies pedregosas e desertas. Esse planalto, por sua vez, vai-se inclinando gradualmente em direção à Mesopotâmia e às margens do Golfo Pérsico. Mas note-se que, ao longo desse golfo e do Oceano Índico, ainda encontramos zonas montanhosas.

A Arábia Ocidental compreende duas regiões principais: o Hedjaz e o Iêmen. O primeiro se limita a oeste pelo Mar Vermelho, a leste pelo planalto do Nedjed e estende-se de norte a sul desde a extremidade do golfo de Akaba até os limites do Iêmen, ao sul de Meca.*

Em face do Egito, o Hedjaz apresenta alguns portos modestos, mas seus oásis férteis possibilitaram o aparecimento de aglomerações humanas dedicadas especialmente às atividades comerciais da rota que, passando por Meca e Medina, se dirige para a Palestina e a Síria. Pequenos centros urbanos surgiram também ao longo dessa via para manter e canalizar a corrente de mercadorias. Constituíram-se assim as primeiras bases do imenso Estado que Maomé devia criar seis séculos após o nascimento de Cristo.*

O Iêmen é famoso desde a Antiguidade por sua fertilidade e riqueza. «Encontra-se aí a região mais fértil de toda a península arábica: os antigos chamaram-na «Arábia Feliz» em razão do esplendor e da variedade de seus produtos e também por causa da doçura de seu clima, tão reconfortante após o calor tórrido do hinterland. A história, que não faz senão seguir e exprimir as condições do meio, preparou aqui a constituição de organismos políticos fortes, cuja atividade repercutiu no litoral oposto da Etiópia por meio de um vasto movimento de intercâmbio comercial e de migrações étnicas. Quando o Islão se afirmou na Arábia, o Iêmen, que já havia perdido toda sua autonomia, decaiu progressivamente de sua antiga civilização cujos importantes e interessantes vestígios subsistem, entretanto, em nossos dias».*

Na Arábia Meridional, a leste do Iêmen, encontra-se uma região montanhosa cortada por numerosos vales, o Hadramaut. Por um largo vale que se prolonga de oeste a leste (Wadi I-Kas) corre um rio permanente que deságua no mar em Salint; a leste de Salint estende-se a costa do incenso, Mahra. Hadramaut está cercada a noroeste, a norte e a leste pelo grande deserto. Como no Iêmen, também em Hadramaut numerosas ruínas e sepulturas atestam a existência de um passado de prosperidade.

Na Arábia Oriental encontramos, ao longo do Golfo Pérsico e do golfo de Omã, as regiões de Omã e de Bahrayn isoladas do resto da península pelos desertos.

Omã, a província mais oriental da Arábia, é uma região montanhosa bastante fértil e cujo litoral possui numerosos portos. O golfo de Omã é conhecido por suas águas piscosas. A região que se estende a oeste e noroeste de Omã até os limites da Mesopotâmia chamava-se Bahrayn (al-Bahrain).*

Digamos, agora, algumas palavras sobre a Arábia Central. Dois grandes desertos aí se encontram: o Nufud, ao norte, e o al-Rub al-Khali, ao sul. Examinemo-los brevemente:

A leste do Iêmen, a norte de Hadramaut e a oeste de Omã estende-se um vasto deserto que se prolonga, ao norte, até o planalto central, o Nedjd (Nadjd). Diversas designações são dadas a esse imenso vazão: o *Sahad* (nome dado à parte situada ao leste do Iêmen e ao noroeste do Hadramaut), al-Ahkañ (que designa a região ao norte e a leste do Hadramaut), al-Wabar (designação dada pelos árabes à parte localizada ao norte do Maħra). Al-Dahna (a vermelha, o país vermelho) e al-Rub al-Khali são outros nomes que aparecem nas cartas geográficas. "Note-se que por ocasião das chuvas existem no al-Dahna abundantes pastagens.

O deserto de Nufud ocupa grande parte da zona situada ao norte do planalto de Nedjd. Nas estações chuvosas surgem tapetes de verdura convertendo a região no paraíso dos beduínos que com seus camelos e rebanhos aí gozam, por algumas semanas, de abundância. Mas faltando a chuva, o sol castiça impiedosamente a imensidão tornando-a uma paisagem morta e desoladora que constitui grave perigo para os viajantes incautos.

Entre os dois grandes desertos acima citados encontra-se o planalto central, o Nedjd (Nadjd, Nejed), onde em alguns lugares a água pode ser alcançada às vezes a pouca profundidade, o que possibilita a existência de verdadeiras oásis. «Em torno dessas fontes se concentra a vida dos nômades do deserto para quem a água é o elemento mais precioso e apreciado. São os oásis que a natureza ofereceu aos homens dessa península, verdadeiros refúgios contra a aridez infinita do país. As populações que se aglutinam em torno desses pontos de água acabam tornando-se por demais numerosas para a medíocre fertilidade dispensada pelas fracas fontes, devendo então retomar o caminho e, numa peregrinação incessante, partir à procura de novos centros.»

CLIMA

A Península Arábica está cortada pelo trópico do Câncer entre Meca e Medina. Mas as altitudes, o deserto e a proximidade do mar são fatores que em certas regiões determinam múltiplas variações climáticas. «Ao sul, mais úmido, nebuloso, por vezes coberto de neve nos seus cumes mais elevados, opõe-se o Hidjaz, no qual a umidade se confina à costa, e sobretudo o interior, de características estepicas ou desérticas, com as suas tempestades violentas e loucas, carregadas de areia, tão diferentes dos ventos regularmente impelidos pelo mar Vermelho ou das monções do oceano Índico.» Observe-se que o vento leste (saba) é luvado pelos poetas como o mais suave. O *šimam* (samum), vento da terra ardente, é temido.

Bis em síntese o clima da Arábia, em geral: «A Arábia, em geral, tem um clima típico do deserto, caracterizado por temperatura elevada e umidade com muito poucas chuvas. Nas regiões mais altas, a temperatura é mais moderada, indo até ao frio, no inverno.

Na região interior, o clima é seco, tornando-se relativamente frio no inverno e com chuvas pouco frequentes. No Norte e perto das costas

há uma precipitação pluviométrica de 100 a 200 milímetros, por ano, e a vegetação é caracterizada pela tamareira, a tamarqueira e a acácia. Praticamente não há rios. Alguns córregos, chamados «waddis», não chegam ao mar, perdendo-se nas areias. Em alguns lugares, criam oásis.»

A raridade das precipitações e a variação das temperaturas (não só entre as estações mas também entre a noite e o dia) são dois traços que, de um modo geral, podem ser apontados como característicos do clima da Península Arábica.

A FLORA

Entre as árvores figuram diferentes espécies de acácia (como, por exemplo, o *Talh* que produz a goma-arábica). Nos oásis o mais belo ornamento são as palmeiras. A tamareira pode ser considerada a rainha da flora, pois seu fruto constitui parte importante da alimentação do beduíno. Atribui-se ao profeta essa advertência sobre a famosa árvore: «Homni vossa tia, a palmeira, que foi criada da mesma argila que Adão.» As chuvas possibilitam o nascimento e crescimento de uma vegetação que serve de alimento para o gado. Assim, por exemplo, é o *sađan*, planta espinhenta, apreciada pelos camelos.

As populações sedentárias cultivavam além da tamareira outras árvores frutíferas como pessequeiros, abricoteiros, limoeiros, laranjeiras, figueiras, bananeiras e ainda plantas relacionadas com a produção de substâncias aromáticas como o incenso, o timo, a lavanda, etc.

FAUNA

Leões, panteras, lobos, hienas entre os quadrúpedes ferozes, águias, falcões e abutres entre as aves de rapina são exemplos da fauna da Península Arábica. Note-se que os leões, freqüentemente citados pelos poetas antigos, já não existem na Arábia.

Entre os animais domésticos dois merecem menção especial: o cavalo e o camelo.

Quanto ao primeiro, observe-se que foi introduzido na Ásia Ocidental pelos casitas e hititas. Da Síria o cavalo passou para a Arábia «onde teve a melhor oportunidade para conservar seu sangue puro e livre de mistura» (Hitti, obra citada, p. 20).

O cavalo árabe puro-sangue tornou-se famoso em todo mundo não só pela beleza de suas formas, mas também pela resistência, pela velocidade e pelo afeiçoamento a seu dono. Desde tempos recuados a Arábia exportava cavalos para a Índia.

O camelo, se não possui a nobreza do cavalo, supera-o todavia em utilidade. Pode-se afirmar com segurança que sem sua existência o deserto não teria condições de ser habitado pelos beduínos. Os poetas apelidaram-no, com razão, «o navio do deserto». Mas o camelo não é

só veículo de transporte. E' o constante companheiro do beduíno a quem fornece entre outras coisas alimentação (carne e leite), vestuário e combustível. O Corão caracteriza-o como dádiva especial de Alá. O beduíno aproveita-se de tal forma dessa dádiva que já foi apelidado « parasita do camelo ».

Asnos, cães e gatos são outros espécimes de animais domésticos existentes na península.

Além da flora e da fauna, convém lembrar entre os recursos naturais da Península Arábica a existência de depósitos minerais ao longo da costa ocidental. Deodoro elogia a pureza do ouro existente na Arábica.

Vamos encerrar esse breve estudo do quadro geográfico, apontando, a título de exemplo, algumas influências que o meio físico exerceu no desenvolvimento da civilização árabe.

a) Isolamento

Um simples olhar à carta geográfica da Arábica chama a atenção para o isolamento da península com relação às regiões em que se desenvolveram as grandes civilizações do Antigo Oriente Próximo. «O deserto faz mais do que imprimir a sua marca à Arábica. Isola-a, disse-se, da Mesopotâmia e dos países do Mediterrâneo oriental, fechando-a pelo único lado no qual o mar não se interpõe entre ela e o estrangeiro.»

b) Posição comercial estratégica

O isolamento da Arábica não deve contudo ser exagerado. Isso porque a própria situação da península entre a Ásia e a África tornou-a necessariamente um ponto de passagem dos comerciantes. Pirenne anota que, desde a mais recuada Antiguidade, a Arábica, através das vias caravanéiras que a atravessavam e pela cabotagem que se fazia ao longo de suas costas, tinha desempenhado um papel considerável nas relações econômicas entre o Ocidente e o Oriente. "Essas relações econômicas explicam, sem dúvida, a existência de sociedades mais evoluídas nas bordas da península.

c) A marca do deserto

O deserto com todas as conseqüências que sua natureza acarreta sobre a vida humana constitui, sem dúvida, o fator preponderante que marcou a alma árabe através de milênios.

A pobreza das solidões de rocha e areia e a aspereza do clima motivaram, desde épocas remotas, a migração de semitas da Arábica para o Oriente Próximo."

Os que permaneceram no deserto viram-se posteriormente barrados em suas correntes migratórias pelos grandes impérios, Babilônia, Assíria, Pérsia, Bizâncio, que se desenvolveram ao norte.

Os descendentes dessas levas que permaneceram no deserto iriam constituir posteriormente a avalanche imensa que, unificada pela pregação islâmica, se precipitaria sobre o Oriente Próximo, a Ásia, a África e atingiria a própria Europa.

A marca do deserto se fez sentir no nomadismo, na vida frugal, no amor à liberdade, no espírito de solidariedade tribal, no gosto pela raziá, na desconfiança em relação aos estrangeiros.

O beduíno desprezava a cidade e amava o deserto. «Amava o deserto impiedoso porque o deixava livre. Bondoso e sanguinário, generoso e avaro, desonesto e fiel, cauteloso e bravo, o beduíno, por mais pobre que fosse, enfrentava o mundo com dignidade e orgulho, vaidoso da pureza do seu sangue e doído por acrescentar a sua linhagem ao seu nome.»

1. O leitor encontrará notícias sobre as fontes de que tratamos aqui em Will Durant, *História da Civilização*, 4ª parte, T. 1, p. 221ss; Hitti, *History of the Arabs*, p. 6ss; Moscati, *Histoire et Civilisation des Peuples sémitiques*, p. 177ss.

2. Hitti, *History*, p. 51.

3. Idem, *ibidem*.

4. Idem, *ibidem*.

5. Seguímos aqui Hitti, *History*, p. 44.

Convém repetir aqui a observação de Hitti (*History*) sobre a região compreendida sob a designação de Arábica Felix: «Its restriction to the Yaman, the region best known to Europe, was a medieval error. The name itself, meaning «happy» may have been an attempt to translate Ar. yaman (to the right hand), confused with Yamm, happiness. The district was called Yaman because it lay to the right side, i.e. south of al-Hijaz, in opposition to al-Sham, i.e. Syria, which lay to the left or north.

6. Os limites ao norte são imprecisos. Nenhum geógrafo entretanto considerou como parte da península a região de al-Em-Burates, embora tenha sido habitada por tribos árabes.

7. Note-se que a designação de Hádiaz (barreira) refere-se propriamente à cadeia de montanhas que separa o Horal baixo (Tihama) do planalto.

8. Moscati, *Histoire*, p. 12.

9. Idem, *ibidem*.

10. Note-se que essa designação é dada atualmente à ilha Uval. Os mapas modernos dão a região o nome de al-Hasa.

11. Os autores discordam quanto à designação e à descrição dessas variedades desérticas. Hitti assim caracteriza o Al-Dahna: «Al-Dahna (The red land), a surface of red sand, extends from the great Nufud in the north to al-Rab al Khali in the south describing a great arc to the south-east and stretching a distance of over six hundred miles. Its western part is sometimes distinguished as al-Ahbat (dune land). On older maps al-Dahna is usually indicated as al-Rab al Khali (The vacant quarter).

12. Moscati, *Histoire*, p. 11-12.

13. Miquel, *O Islame*, p. 26.

14. O Mundo Árabe — Excelente síntese da História, geografia, etc. dos países que integram o Mundo Árabe, publicada pela Delegação da Liga dos Estados Árabes, Rio de Janeiro, 1970.

15. Ver Hitti, *History*, p. 22.

16. Miquel, *O Islame*, p. 27.

17. Pirenne, Jacques, *Les Grands Courants*, p. 3.

18. Ver a proposta, nossa História da Antiguidade Oriental, capítulo 4.

19. Durant, *História*, 4ª parte, T. 1.

CAPÍTULO II

As Origens

INTRODUÇÃO

DIREMOS o presente capítulo em três itens. No primeiro abordaremos, em breves linhas, o complexo problema da etnia árabe. No segundo apresentaremos uma síntese dos principais contactos marítimos, na Antiguidade, entre a Arábia, de um lado, e o Mundo Oriental e o Mundo Clássico, de outro lado. O conteúdo deste item completa o que se escreveu na introdução ao capítulo anterior com relação às fontes para o estudo da Arábia pré-islâmica. No terceiro item finalmente tentaremos apresentar um resumo histórico das principais civilizações da Arábia pré-islâmica.

1. ETNIA

Segundo a tradição baseada no Antigo Testamento os árabes descendem de Abraão. O vocábulo árabe (de uma raiz semita, *arab*, que exprime a idéia de aridez, deserto) significa «habitante do deserto», e aparece pela primeira vez, grafado em cuneiforme, nas inscrições de Salmassar III.¹ Aplicada primeiramente aos beduínos (de *badīya* = estepe), essa designação alargou-se «pouco a pouco a todos os habitantes, não madaés ou não, dos planaltos interiores, e, em seguida, ao conjunto das populações da península».²

Atualmente o «uso mais vulgar e disseminado da palavra «árabe» prende-se a um agrupamento cultural. Significa todos os povos do mundo árabe — nomeadamente os do Oriente Próximo e do Norte da África (além dos da Arábia propriamente dita, claro), que se arabilizam completamente graças às conquistas arábico-muçulmanas dos séculos VII e VIII d.C. A arabização processou-se por três formas: 1) por mistura racial mercê de casamentos entre conquistadores árabes e habitantes dos países conquistados; 2) pela imposição do árabe como idioma universal de todos os países conquistados, e 3) por conversão da maioria das populações avassaladas ao Islã».³

Uma das mais antigas representações de tipo árabe encontra-se sob a figura de um condutor de camelo num baixo-relevo de Tiglat Pleser III (746-727). O tipo étnico, observa Moret, conservou-se desde então até nossos dias: «cabeça estreita e alongada, dolicocefalo; nariz fino e ligeiramente aquilino; olhos negros, bem rasgados, cabeleira

longa sobre a fronte e sobre o pescoço, cortada sobre as têmporas; barba pontiuda, encurvada para a frente».⁴

Pittard, em seu interessante estudo sobre as raças e a história, pergunta se a imagem antropológica que habitualmente fazemos dos árabes corresponde à realidade: «Indivíduos de elevada estatura, com crânio dolicocefalo, com face longa, com olhos e cabelos negros». A resposta a essa indagação deve ter em vista as seguintes considerações:

1) Nossa documentação é bastante falha em relação à antropológica dos árabes. «Essa fraca documentação e a certeza que temos de que, no momento das conquistas, grupos étnicos diversos entraram na órbita política árabe e, por isso, alteraram a real fisionomia desse povo, explicam o desacordo dos autores que estudaram os «árabes»».⁵

2) «Atualmente a variedade de tipos antropológicos na Arábia é grande. Os beduínos do interior aparecem em sua maioria como dolicocefalos com uma certa proporcão de braquicefalos na classe superior. Os braquicefalos existem em boa proporcão na Arábia do Sul. Mas sabe-se que o índio ceafálico não possui, sem dúvida, a extrema importância que se lhe atribui outrora. Um julgamento baseado no conjunto de caracteres físicos resulta em vários tipos assaz diferentes. Existe seguramente traço de influência negróide, sobretudo na direção sul. No conjunto a antropológica, em seu estado atual, em nada nos auxilia a fazer uma idéia da história da Arábia».⁶

3) Sobre o tipo árabe, uma obra atual de Antropologia Física esclarece-nos: «No tipo árabe ou semita, de cabelo negro, face elíptica, nariz reto ou convexo, distinguem-se dois grupos principais: o *badawin*, com uma estatura média de 1,66 m, habitando a Arábia Setentrional; e o *himyarita*, de menor estatura, 1,62, ocupando a Arábia Meridional».⁷

4) Os autores árabes distinguem entre árabes do Norte e árabes do Sul. «A teoria árabe quer que os árabes formem uma raça e não uma comunidade de povos falando a mesma língua; essa raça compreende indivíduos que descendem em linha direta de um ou de outro de dois ancestrais, Qahtan e 'Adnan. Eram eles parentes? Qahtan descendia de Ismael que é reconhecido como antepassado de 'Adnan? A tradição quer que os descendentes de Qahtan sejam os «verdadeiros árabes» (al-'arab al-'ariba) e os de 'Adnan os «árabes arabizados» (al-'arab al-mousta'riba). Essa tradição poderia encontrar uma explicação linguística; com efeito a raiz *'adna* significa «estar com residência fixa em um lugar, continuar a apascentar seus rebanhos na mesma pastagem»; essa definição poderia aplicar-se aos sedentários do sul, que adotaram o árabe como língua, portanto se arabizaram. A raiz *qahata* significa: «estar sem chuva, faltar chuva», o que poderia corresponder às regiões percorridas pelos árabes nômades, esses do norte. Mas a tradição quer que a gente de Qahtan sejam árabes do sul (tribos iemenitas) e que os de 'Adnan sejam os árabes do norte (tribos ma'aditas, nazarietas ou gayasitas)».⁸

5) Ainda a título meramente informativo para que o leitor possa avaliar a complexidade do tema em tela, vamos transcrever mais um ponto de vista sobre as genealogias árabes: «As suas genealogias, em todo o caso, fazem reaparecer, ainda aqui, uma distinção fundamental entre a Arábia do Sul e o resto da Península. Na prática, designam-se com o sinónimo de iemenitas os descendentes de Qahthan, antepassado dos árabes do Sul, sendo os do Norte assimilados à posteridade de Adnan. Uma hostilidade violenta opõe estes dois grupos, que tentam, à custa de golpes de engenho, vincular os seus antepassados epônimos à história bíblica e mais particularmente à descendência de Sem da qual Isma'íl aparece como fecho de abóbada.

Profundamente sentida na consciência popular, exposta pelos letrados, inspirando o orgulho dos poetas, esta clivagem é um dos dados fundamentais do mundo cultural e político da Península, e inspirará mais de uma página da história dos árabes, antes de Mohammed, mas por muito tempo também depois dele, quando as querelas entre iemenitas e gentes do Norte ressurgirem, transplantadas, sem modificações, pelos conquistadores, a centenas de léguas da região que as viu nascer. De resto, na própria Arábia, a distinção parece ter sempre tido, na época histórica pelo menos, mais força nos espíritos do que realidade no terreno: indiferente às suas presumíveis origens, o mapa mostra os dois grupos espalhados à vontade na península, filhos de Qahthan no Norte, filhos de Adnan no Sul.»

De todas essas considerações e observações parece-nos lícito firmar os seguintes pontos:

- 1) Não há dúvida de que os árabes sejam semitas.

Em nossa *História da Antiguidade Oriental* já falamos sobre o que se deva entender por essa expressão. Vimos também que as migrações semíticas mais antigas de que nos chegaram notícias tiveram a Península Arábica como zona de difusão. Ao que tudo indica, a Arábia pode ser considerada o berço dos semitas.³¹

- 2) Através de milênios processaram-se ondas migratórias motivadas pelo superpovoamento de certas regiões da península.³²

No século VII de nossa era produziu-se um novo surto migratório, dessa vez sob a bandeira do Islã. Essa nova onda não foi contida pelas regiões do Anigo Oriente Próximo. Transbordou esses limites e atingiu, no Ocidente, a própria França, depois de inundar o norte da África e a Península Ibérica. No Oriente chegou a penetrar até mesmo em regiões da Ásia Central. Estamos aqui em fase da expansão árabe no Mundo Medieval.

- 3) Essa migração árabe do século VII sugere-nos algumas considerações. Em primeiro lugar deve-se salientar que o isolamento geográ-

fico da Península Arábica (com as exceções já apontadas em páginas anteriores) contribuiu inegavelmente para a conservação, durante milênios, das características e das condições de vida dos seus habitantes. Assim, por exemplo, a permanência da monotona uniformidade da vida no deserto.

Não é sem razão que os próprios habitantes denominaram sua terra «ilha dos árabes». Essa «ilha», anota Hitti, fornece «um quase único exemplo de ininterrupto parentesco entre povo e solo.»³³

Com efeito, enquanto outras regiões famosas na História (como a Grécia, a Itália, a Índia, etc.) conheceram através dos tempos inúmeras invasões que modificaram seu panorama racial e cultural, a história da Península Arábica desconhece qualquer grande invasão estrangeira que tenha vencido a barreira de seus desertos e que tenha implantado um novo tipo de civilização. O povo da Arábia, sublinha Hitti, «permaneceu virtualmente o mesmo através de todas as idades conhecidas.»³⁴ Compreende-se, assim, a observação de Akiyah, segundo a qual na península «não existe muita mistura racial. Se diluição houve quanto ao árabe primitivo, o fato deve-se à importação, na Arábia — especialmente durante as conquistas árabes —, de esposas e concubinas do exterior.»³⁵

4) Por tudo isso e apesar da já citada variedade de tipos antropológicos existentes na Arábia, pode-se concluir que os árabes da península, especialmente os nômades, constituem os mais típicos representantes da família semítica não só sob o ponto de vista biológico como também psicológico, social e lingüístico.³⁶

2. A ARÁBIA E O MUNDO ANTIGO

Neste item vamos recordar brevemente algumas relações entre árabes e povos das grandes civilizações do Mundo Antigo, de acordo com a documentação disponível. Convém acentuar, desde logo, que, como anota Moscati, «a História da Arábia na Antiguidade está submetida a leis econômicas que ultrapassam os motivos políticos e que lhe impõem suas condições.»³⁷ A razão da predominância do fator econômico nas relações entre árabes e outros povos reside não só nos produtos do país (lembramos, por exemplo, que o incenso era motivo de grande atração dos egípcios pela Arábia Meridional) mas também no fato de, por sua situação geográfica, estar a península vinculada a duas importantes rotas comerciais: «Duas grandes vias de comunicação através das quais as mercadorias chegadas pelo Oceano Índico são dirigidas para os portos da Síria e da Palestina, envolvem a Arábia em sua periferia margeando o deserto. A primeira é aquela que, partindo do Iêmen, dirige-se, através de Meca e Medina, para a Palestina Meridional; a outra penetra pelo Golfo Pérsico meridional no vale mesopotâmico, donde ela obliqua para Palmira e Damasco.»³⁸

Um simples olhar sobre o Mapa do Oriente Próximo revela-nos a singular posição geográfica da Arábia, introduzida, por assim dizer, entre duas regiões em que se desenvolveram antigüísimas civilizações: o Egito e a Mesopotâmia. Compreende-se, assim, que os povos dessas regiões figurem em primeiro lugar nos exemplos que vamos citar sobre as relações entre árabes e as nações do Mundo Antigo.

Egito

É bem possível que a mais antiga reprodução existente de um representante da nação árabe seja a figura do chefe beduíno que aparece em um relevo da época da primeira dinastia.

Heródoto (II, 102) menciona que Sesóstris I (XII dinastia, 1970-1936), partindo do golfo arábico, submeteu os habitantes do litoral do mar da Eritreia.

É bem possível que sob a designação de Punt os antigos egípcios compreendessem os territórios situados em ambas as margens do Bab-el-Mandeb.²⁸

Mesopotâmia

Uma inscrição do tempo de Gudea, *patesi* de Lagash, menciona uma expedição a Magan e Meluhha. Esses nomes sumerianos indicam, na época, regiões situadas na Arábia oriental e central.

Na já citada inscrição assíria do reinado de Salmanasar III (858-824) é mencionado um chefe árabe (Gindibu, *Imudub*) de quem o monarca tomou mil camelos. Hitti comenta: «Parece bem apropriado que o nome do primeiro árabe lembrado na História esteja associado com o camelo».²⁹

Tiglata-Pileser III (746-727), segundo atesta uma inscrição, impôs tributo à rainha do país de «Aribi».

Sargão II (721-705) submeteu tribos do deserto e manteve relações com chefes árabes dos quais teria recebido tributos.

Senaqueribe (705-681) submeteu a fortaleza árabe de Admu. «Admu é o oásis na Arábia Setentrional que figura mais tarde nas conquistas islâmicas sob o nome de Dumat al-Jandal».³⁰

Assurbanipal (669-631) luta contra tribos árabes.

Concluímos sobre a presença dos árabes nas inscrições assírias, com três observações:

- 1) Os anais assírios referem-se várias vezes a chefes árabes que sejam os pés dos reis de Nínive e ofereçam-lhes presentes como incenso, ouro, camelos, etc.
- 2) Esses beduínos são, na realidade, invencíveis; constituem contínua ameaça às províncias do império na Síria e à rota das caravanas.

3) O vocábulo *Aribi* com que é designado o país habitado por esses nômades deve referir-se ao deserto sírio-mesopotâmico, à península sináitica e ao Norte da Arábia.

Sobre as relações entre beduínos e a dinastia neobabilônica ou caldaica anotemos:

Nabônide, segundo uma inscrição cuneiforme, matou o príncipe de Tema (Tayma, Te-ma-a), oásis da Arábia setentrional, e estabeleceu-se ali.

A crônica cuneiforme que relata a tomada da Babilônia pelos persas menciona a estadia de Nabônide nesse oásis árabe.³¹

Cambises (530-523), filho e sucessor de Ciro, cruzou a Arábia setentrional contando com a aliança dos beduínos.

Dario, segundo atesta Heródoto (III, 88), não conseguiu dominar os árabes.

Hebreus

São inúmeras as referências aos árabes contidas no Antigo Testamento. Escolheremos apenas alguns exemplos:

José foi vendido por seus irmãos a negociantes árabes (ismaelitas) que se dirigiam ao Egito.

Moisés casou-se com uma mulher árabe, filha de um sacerdote madianita.

As relações entre os hebreus e os árabes do sul de península, no início do primeiro milênio aC, foram recentemente ilustradas por um selo sul-arábico encontrado em Betel.

O comércio do reinado de Salomão levou o soberano a estreitas relações com os árabes. «O renome do monarca se estendeu ao longe e vê-se chegar a Jerusalém a rainha de Sabá, cujo povo habitava a região do Iêmen na Arábia».³²

Jó, figura principal do Livro de Jó (que constitui uma verdadeira obra-prima literária), é chamado «filho do Oriente» (1,3), o que, na terminologia bíblica, equivale a árabe.³³

Na literatura posterior ao exílio encontramos menção aos árabes (2Mac 5,8 e 1Mac 5,39). Note-se que aqui se trata dos nabateus, citados, aliás, expressamente em 1Mac 9,35.

Gregos

Em Esquilo (Os Persas, I, 320) encontramos a primeira menção aos árabes feita na literatura grega.

Heródoto (VII, 69) faz uma referência aos árabes que se encontravam no exército de Xerxes.

Os autores clássicos, de Eratóstenes (séc. II aC) até Plínio, o Antigo (séc. I dC), consideram a Arábia como um país de fabulosas riquezas, a terra do incenso e de outras especiarias na qual habita um povo amante da independência e da liberdade. "Sabemos por Eratóstenes que as estradas de caravanas entre o sul da Arábia e Akaba e entre Hadramaut e o Emfrates bem como o deserto central eram conhecidos por tradição oral no fim do século III aC.

Diodoro Siculo (séc. I dC), em sua Bibliotheca Histórica (II, cap. 1.5), acentua que os árabes tinham em alta conta a própria liberdade e Estrabão (séc. I dC) afirma (XVI, cap. 4.27) terem sido os árabes o único povo que não enviou embaixadores a Alexandria."

O historiador Arriano (séc. II dC), autor de uma bem documentada relação das conquistas de Alexandre, narra-nos que o grande Macedónio, ao voltar das Índias, pretendia contornar a Arábia e a África via marítima. Na realidade Alexandre, por motivos de ordem económica (pretendia ligar o Egipto à rota da Babilónia ao Indo mediante o périplo arábico), enviou do Emfrates expedições através do litoral arábico do Golfo Pérsico. Examinemos brevemente esses empreendimentos exploradores."

1) Arguias, comandando um navio de trinta remos, descobriu a ilha de Tilos (Bahrein), mas não ousou ir adiante.

2) Andróstenes, também em uma nave de trinta remos, atingiu Abu Tabi, circunou pelas ilhas do grupo Bahrein e redigiu um detalhado relatório da expedição.

3) Hierão, também em um navio de trinta remos, partiu levando instruções para contornar a Arábia e chegar até Suez. Voltou, porém, depois de haver chegado à altura de Ras Masandan, atemorizado com a extensão e a aridez do litoral.

"Outros navios haviam sido aparelhados em Suez para descer o Mar Vermelho e, provavelmente, encontrar-se com Hierão. Atingiram o Iêmen, além do estreito, mas a falta de água, disseram os expediçionários, impediu-os de ir mais longe. Aprenderam, entretanto, os nomes das tribos árabes prósperas do Iêmen e de Hadramaut; souberam que elas traficavam com aromas e chegaram até mesmo a despojar árvores com incenso que não eram vigiadas." Alexandre preparava-se para uma expedição quando faleceu.

Os Ptolomeus entraram em contacto com os árabes. Ptolomeu I (305-283) enviou o almirante Filon explorar o Mar Vermelho com grandes navios. No reinado de Ptolomeu II (283-246) estabeleceram-se relações comerciais entre o Egipto e os árabes de Sabá, no Iêmen. Iniciou-se também a penetração da África, ao sul do Egipto, através do Mar Vermelho. Ptolomeu II manda construir novos portos nesse mar, desde Suez a Ras Benas, e «enviou Aristo explorar o litoral da Arábia até Bab-el-Mandeb, antes de lançar esquadras sobre o litoral do Hedjaz e EU'UJA (278-277)»."

Romanos

No ano 25 aC Augusto enviou uma expedição militar sob a direcção de Elio Galo visando a quebrar o monopólio comercial dos himiaritas. De Cleopatra, no golfo de Suez, partiu uma frota transportando tropas egípcias, judeus e nabateus de Petra (que não mereciam confiança). Em El Haura (litoral da Arábia, no Mar Vermelho) a expedição permaneceu durante um verão e um inverno em virtude de doenças causadas pela água e por alimentos insalubres. Depois dessa longa estadia Galo penetrou audaciosamente através do deserto transportando água em dorso de camelo e chegando, após cerca de oitenta dias de marcha, às férteis regiões de Negrana (actual Nedjaran?). Daí o corpo expedicionário dirigiu-se a Marsaba (Mareb?) no território dos manaraitas. «Galo soube então que se encontrava a dois dias de marcha do País dos Aromas, isto é, de Hadramaut e do Iêmen. Entretanto a tração de seus gúias fez com que perdesse seis meses percorrendo a região, conforme Estrabão insiste em informar. Depois, Galo, cuja suspeita despertara, retornou a Negrana, e levando onze dias para atingir os Sete Poços, dirigiu-se por desertos e aldeias até Akra sobre o Mar Vermelho. Esse retorno tomou-lhe somente sessenta dias enquanto que a ida lhe tomara seis meses. O exército atravessou então o Mar Vermelho até Myos Hormos (Abu Char) no Egipto, tendo sofrido graves perdas em virtude de doenças, fadiga e fome. Só conseguiu poucas informações sobre a Arábia, salvo, como observa Plínio, algumas detalhes a respeito dos sabeus, himiaritas e mineanos. Por mais difícil que seja, em nossa narração, a identificação dos nomes de lugares, podemos com certeza dizer que Galo foi conduzido através do Nedjed e do Assir até as fronteiras de Hadramaut e do Iêmen e aí permaneceu extraviado durante um certo tempo»."

Interesses económicos iriam manter as relações entre árabes e o Império Romano. Note-se que uma boa parte do comércio da Índia e da Arábia com o Ocidente percorria as costas do Mar Vermelho e, do porto de Lencé Komé, alcançava, por uma estrada, Petra e, depois, Gaza. «Para proteger os comboios, Trajano acabou pondo a mão sobre essas regiões; houve resistência por parte dos nabateus, pois essa anexação foi tida como uma conquista. Seu executante foi o governador Árabe absorveu o reino dos nabateus originários da Arábia Petreia...»

3. RESUMO HISTÓRICO DA ARÁBIA PRÉ-ISLAMICA

Neste breve estudo da História da Arábia pré-islâmica levaremos em consideração duas regiões distintas em que se desenvolveram diferentes Setentrional, de outro. Fora dessas zonas de cultura sedentária encontram-se os nómades que, entretanto, aparecem com raridade à luz da documentação histórica, embora tenham desempenhado papel atuante.

«Capazes somente de reides improvisados e desorganizados, eles foram a reserva eterna do povo árabe: no momento em que os árabes se fixam nas regiões invadidas, abandonam a fase do nomadismo, parcialmente, ao menos, e deixam o lugar a outros companheiros que, mais tarde, tentarão, por sua vez, o destino.»

Além da atuação dos beduínos que se faz sentir nos estados periféricos, outra nota característica na história da Arábia pré-islâmica é a influência decisiva de fatores econômicos. E' sobre as duas grandes vias de comunicação já citadas nas páginas anteriores que se constroem as aglomerações de estados; a abertura ou o fechamento temporal das rotas comerciais, consequência da evolução política no Oriente Próximo, condicionam a própria existência desses estados e de seu destino.»

a) Arábia Meridional

Entre as fontes disponíveis para o estudo da Arábia Meridional pré-islâmica figuram as já mencionadas inscrições cuja escrita é alfabética e cuja língua revela parentesco com o etíope e com o árabe do Corão. Gravadas em metal ou pedra, essas inscrições podem ser classificadas, de acordo com seu conteúdo, em: votivas (encontradas em pedaços de bronze depositados nos templos), arquitetônicas (gravadas nas paredes de templos ou outros edifícios públicos com o fim de homenagear o nome do construtor ou da pessoa que contribuiu para a construção), históricas (relatam uma batalha ou anunciam uma vitória), legislativas (contêm resoluções das autoridades e se encontram em pilares, na entrada dos edifícios), funerárias e econômicas. As notícias contidas nessas inscrições são completadas por informações conservadas na literatura muçulmana e por outras fontes já mencionadas no primeiro capítulo, especialmente pelos resultados das escavações arqueológicas.

No primeiro milênio aC constatamos a existência de diversos estados na região sul-ocidental da península. Entre esses estados figuram os reinos de Ma'in, Qataban, Hadrarnaut e Sabá. Deve-se notar que subsistem sérias dificuldades para o estabelecimento de uma cronologia exata na história desses reinos. Assim, por exemplo, após haver situado os inícios do estado de Ma'in (também Maan) em época bem anterior aos demais, os especialistas alteraram os cálculos no sentido de um rebaixamento das datas. Segundo alguns autores (entre os quais figura Philby) as origens do estado mineano deveriam remontar pelo menos ao século XIII aC. Segundo outros origens se situariam no século VI aC (Ryckmans) ou até mesmo por volta do ano 400 aC (Albright). Essa última cronologia chamada «breve» parece ser a mais provável.

Nas linhas seguintes vamos tentar uma breve síntese histórica dos principais estados da Arábia Meridional servindo-nos de dados fornecidos pelos autores citados nas referências bibliográficas.

Sabeus e Himariatas

De acordo com a cronologia breve, o período da história dos sabeus estende-se de 750 a 115 aC. Os sabeus foram regidos inicialmente por governantes chamados mukarrib. Quanto a esse vocábulo deve-se notar: 1) Significa príncipe-sacerdote; 2) trata-se provavelmente da vocalização de *mkrb*.

Dois «mukarribs» sabeus são citados nos anais reais da Assíria respectivamente de Sargão II e de Senaqueribe: Yatha-amar e Kariba-ii.

No período de apogeu do reino de Sabá, os soberanos estenderam sua hegemonia por todo o sul da Arábia, submetendo o reino dos Mineanos e reduzindo-o ao estado de vassalagem. Nesta época a capital do reino é a cidade de Sirwah situada a oeste de Marib no Wadi Wakifa. Glaser considerou-a a cidade mais antiga fundada pelos sabeus. O principal monumento da antiga capital dos sabeus era o templo dedicado a Almakah, o deus-lua. Segundo o conteúdo de uma inscrição, entre os construtores do templo figura o mukarrib Yada-ii.

No segundo período da história do reino de Sabá (cerca de 610-115 aC) os soberanos perdem o caráter sacerdotal. No final do período cidade situada na planície de Sabá a 1.160 metros de altitude. No século passado as ruínas da capital dos sabeus foram visitadas pelos europeus Arnaud (1843), Halévy (1869) e Glaser (1888). Marib continuava na antiguidade um importante ponto de encontro das rotas comerciais que ligavam as regiões exportadoras de incenso com os portos do Mediterrâneo. Escavações arqueológicas revelaram entre as ruínas da cidade vestígios de palácios monumentais, de estátuas e também textos epigráficos. Marib tornou-se conhecida até mesmo na época islâmica em virtude de uma enorme represa construída para conter as águas do rio Dheme (Adhanat, Adhana) e desviá-las para fins de irrigação. Diversas inscrições prestam-nos informações sobre a história dessa notável obra de engenharia cuja parte mais antiga remonta provavelmente à metade do século VII aC. Sumuhu-Alay Yanaf e seu filho Yatha-amar Bayyin, mukarrib, figuram entre os principais construtores. As inscrições mencionam ainda restaurações feitas na barragem nos séculos V e VI da era cristã.

Não dispomos terreno seguro no que tange ao desenvolvimento da história do reino dos sabeus. Segundo Moseati, provavelmente pelo fim do século V aC, o país passou a ter um governo leigo constituído por uma oligarquia de grandes famílias de proprietários e de guerreiros. «Uma inscrição menciona as campanhas vitoriosas de Kariba-ii Watar (cerca de 450 aC) que, segundo Hitti, teria sido o primeiro a assumir o título de Malik (mlk = rei) de Sabá.»

No fim do século II aC os reis de Sabá acrescentam a seu título o de *Dhu-Raydan*. Estabelece-se uma nova capital em Zafar. E' a época em que a tribo dos himariatas começa a tomar uma importância maior no estado, a ponto de seu nome (latinizado em *homeritae*) se

encontrar unido ao dos sabeus ou até mesmo o substituir freqüentemente nos escritos clássicos.*

O vocábulo «Homeritas» ocorre pela primeira vez no «Périplo do mar Eritreu» e, logo após, em Plínio (História Natural) na exposição que faz sobre a já citada expedição de Elio Galo na Arábia.*

Na época do Périplo, os himiaritas dominavam a maior parte da Arábia Meridional, tendo ocupado os litorais do Mar Vermelho e do Oceano Índico até os limites de Hadramaut e estendido seus domínios até uma parte da costa da África Oriental (Azânia).

Baseado principalmente no testemunho de Galo, Plínio forneceu-nos importantes notícias sobre os himiaritas que ele considera muito numerosos (*numerosissimos esse Homeritas*). «Na época de Galo, a predominância política no sul da Arábia não pertencia mais aos sabeus sob a velha dinastia dos reis de Sabá mas aos himiaritas, sob soberanos que traziam o título de «reis de Sabá e de Dhu-Raydân».* A indicação precisa de Galo segundo a qual os himiaritas eram um povo dominante no Sul da Arábia está de acordo com as conclusões de Glaser extraídas das inscrições quanto à época da fixação da soberania himiarita no segundo ou, ao mais tardar, no primeiro século antes de nossa era. Plínio menciona a capital dos himiaritas, Zafar (*Intus opyldum, regia eius, appellatur Sapphar*). O Périplo chama-a de metrópole. Dessa cidade (já citada no Génesis 10,30) existem ainda hoje as ruínas no alto de uma colina, nas proximidades da atual Yarin, no Iêmen Meridional.

A atividade comercial dos Ptolomeus e, posteriormente, dos romanos quebraria o monopólio exercido pelos habitantes da Arábia Meridional. «No decurso deste primeiro período himiarita o poder da Arábia Meridional deixava o zênite. Enquanto os iemenitas monopolizavam o comércio marítimo do Mar Vermelho, eles prosperavam; mas agora o controle estava escorregando para outras mãos».* O Périplo do Mar Eritreu (A. D. 50 (?) - 60 (?) pode ser considerado como um ponto de referência que assinala essa profunda transformação econômica. Vemos nessa expedição súditos de uma potência ocidental em pleno comércio com o Oriente e, portanto, fazendo concorrência aos árabes.

Por volta do ano 300 de nossa era o título monárquico usado pelo soberano da Arábia Meridional caracterizava-o como «rei de Sabá, Dhu-Raydân, Hadramaut e Yamamat». A esses títulos foi acrescentado mais tarde: «e dos árabes das montanhas e do Tihamah». Deve-se notar que: 1) Raydân tornou-se mais tarde conhecido como Qataban; 2) Yamamat (Yamamah) abrangeria então as regiões costeiras meridionais; 3) Tihamah correspondia ao litoral do Mar Vermelho, a oeste de Sana.

Depois de um breve domínio abissínio (340-378) uma dinastia himiarita reassume o poder, mantendo-o até 525 (era cristã). As inscrições conservaram-nos os nomes de vários desses soberanos. Assim, por exemplo, conhecemos *Abu-Karib As'ad Kamil* (385-420, aproximadamente) que foi um rei guerreiro, pois fez incursões ao norte e nordeste, atingindo pontos situados a mais de mil quilômetros de Marib. A tra-

dição árabe diz que Abu-Karib As'ad se havia convertido ao judaísmo bem como seu povo.* Note-se que nessa época começam a aparecer inscrições de caráter monoteísta, o que revela a influência judaizante. O cristianismo também começava a ser introduzido no reino himiarita mas os soberanos mostraram preferência pelo judaísmo. Um dos últimos reis himiaritas foi Yusuuf As'ar (conhecido pela tradição árabe como Dhu-Nuwas) que se converteu ao judaísmo. «É possível que a invasão da Arábia Meridional pelos etíopes em 525 tenha tido como causa as perseguições de Dhu-Nuwas contra os cristãos; mas é possível igualmente que essa intervenção etíope tenha tido motivos de ordem econômica; os etíopes desejariam assegurar-se o controle dessa rica região e da passagem do Mar Vermelho para o Oceano Índico».*

Por volta de 530 os soldados etíopes colocam no trono um ex-escravo, Abrahá, que procura manter neutralidade no conflito entre a Pérsia e Bizâncio e manda reparar a represa de Marib. No fim de seu governo (por volta de 570) realizou uma expedição que teria atingido as portas de Meca.

Os sucessores de Abrahá seguem uma política antipérsica mas, por volta de 575, uma expedição enviada pelo rei dos reis contribui para a ascensão ao poder, no Iêmen, dos antigos partidários de Dhu-Nuwas. A região transforma-se em breve numa satrapia do Império Pérsico. Duas causas parecem ter contribuído para a decadência iemenita: 1) a concorrência que a navegação marítima fazia ao tráfico das caravanas; 2) a ruptura da barreira de Marib. Talvez encontremos aqui a explicação da migração de tribos do sul da Arábia para o norte.

Mineanos

Situado no Iêmen setentrional, o reino mineano desempenhou papel relevante nas relações comerciais com as regiões do norte. Os mineanos, com efeito, estabeleceram importantes colônias ao longo da rota que costeia o Mar Vermelho para atingir a Palestina e o Mediterrâneo». «No decurso do primeiro século aC o reino mineano foi absorvido pelos sabeus. No século passado (1870) Halévy visitou a antiga capital mineana, Qarnaw (moderna *Mar'in*).

Qataban e Hadramaut

A monarquia de Qataban tinha sua capital em Tamna (atual Kuhlân). Segundo a nova cronologia, a história de Qataban estende-se entre o século V aC e o ano 50 aC.

A capital do reino de Hadramaut era Shabwan (a clássica Sabota). De acordo com a cronologia supracitada a história desse reino vai de 450 aC até cerca do século II de nossa era.

Nas inscrições referentes a esses dois estados surge a figura do *mukarrib*, «o que faz supor uma evolução do governo análoga àquela do reino de Sabá».*

Antes de passarmos ao estudo da Arábia Central e Setentrional pré-islâmica, vamos dizer algumas palavras sobre a civilização nos reinos meridionais acima sucintamente estudados.

Vida Económica

A Arábia Meridional desempenhou notável papel económico na Antiguidade não só em virtude de sua posição geográfica mas também por seus produtos (como Y.F. o incenso). A situação geográfica fazia da Arábia Meridional a escala intermediária entre o Índio e o Mediterrâneo. Era, portanto, a encruzilhada por onde passavam mercadorias de largo consumo em regiões distantes: pérolas do Golfo Pérsico, marfim, seda, especiarias, ouro, penas de avestruz, escravos, etc. O comércio se fazia via marítima e via terrestre. Podemos avaliar a expansão desse comércio através de inscrições sul-arábicas que se encontram nos mais longínquos lugares como por exemplo no Egito, em Delos e na Mesopotâmia. A agricultura e o artesanato figuram também entre as atividades da vida económica da população da Arábia Meridional.

Estrutura politico-social

Nos Estados da Arábia Meridional encontramos o regime monárquico fortemente estabelecido. Curioso é notar a evolução que se processa (por exemplo, no estado de Sabá) na concepção da autoridade real que passa do plano religioso para o plano leigo.

Entre os sabens o *mukarrib*, ao desempenhar suas funções legislativas, recebia a assistência de uma assembleia popular. Magistrados especiais (*Kabir*) tinham a missão de fiscalizar a aplicação das leis entre as diversas tribos. Esses magistrados eram hereditários e passaram a constituir uma classe privilegiada, a dos Grandes proprietários de terras. Com o decorrer do tempo a autoridade do rei diminuiu e surgiu um regime de tipo feudal.

A sucessão do trono processava-se, via de regra, em linha reta, de pai para filho.

Reis, príncipes e altos funcionários eram grandes proprietários de terras. Havia terras de domínio público e terras administradas pela coroa.

Dentro das tribos encontramos uma hierarquia social no cimo da qual se encontram os nobres e em cujo pedestal estão os servos.

As artes

As artes encoibrem ainda hoje grande parte dos restos de sumtuosos palácios e templos de que nos dão notícia os autores antigos. As escavações arqueológicas é que aos poucos vão revelando as riquezas argui-

tônicas da civilização que floresceu outrora na Arábia Meridional. Convem acentuar que o trabalho dos arquitetos foi facilitado pela existência de um material de primeira qualidade: as rochas graníticas. Deve-se notar, entretanto, que os tijolos também foram empregados nas construções. Templos, palácios, torres, diques, canais, cisternas, muros e sepulcros atestam o grau elevado da capacidade dos construtores da Arábia Meridional Antiga.

Ao lado das obras de arquitetura mas em nível artístico inferior, encontram-se estátuas de bronze, bustos de alabastro e baixos-relevos. A ourivesaria encontrou um material abundante, o ouro, e produziu obras preciosas.

«Essas manifestações da arte refletem em seu conjunto uma civilização claramente avançada, próspera e fixada de um modo durável nas condições da vida sedentária. Na vida da Arábia antiga, essa civilização é claramente autónoma e apresenta divergências notáveis, sob mais de um aspecto, com a vida no resto da península.»

Religião

O caráter local da maioria das divindades que encontramos na religião dos povos da Arábia Meridional contribui para dificultar o estudo do aspecto religioso da civilização em tela.

Em primeiro plano aparecem as divindades astrais, «pois elas agem sobre todas as manifestações da vida terrestre, luz e escuridão, calor e frio, seca ou chuva, prosperidade ou carestia; influem até mesmo sobre os destinos humanos». «Entre essas divindades ocupa lugar proeminente o deus «Athar que personifica o planeta Vênus e que corresponde à Ishtar dos assírios-babilónicos. Note-se, contudo, que, na Arábia Meridional, Athar era uma divindade masculina, enquanto nas demais regiões semíticas Vênus situava-se entre as divindades femininas. Athar possuía também santuários nas regiões da Arábia Central.

A lua, considerada divindade do sexo masculino, chamava-se *Wadd* entre os mineanos, *Almazah* entre os sabens, *Amm* em Qataban e *Sin* em Hadramaut. Em Delos foi encontrado um pequeno altar com uma dedicatória a *Wadd* escrita em mineano e grego.

A deusa solar era cultuada em Qataban e Hadramaut com o nome de *Shams* (= sol) aparentado ao *Shamash* dos babilónicos.

Além das grandes divindades comuns a todas as regiões encontramos uma série de outras cujo culto reveste um aspecto local ou se vinculou a uma determinada tribo ou família. Às vezes essas divindades eram importadas de povos vizinhos, fato esse que revela a capacidade de assimilação dos árabes meridionais. Essa capacidade explica a relativa facilidade com que mais tarde seriam introduzidas no sul da península crenças judaicas e cristãs.

A religião impregnava todas as atividades da população: «A ideia de que a proteção da divindade era necessária à prosperidade de todas as coisas e de todo ato fazia com que não somente as tribos e as

famílias, mas também os estados, as comunidades agrícolas e os agrupamentos comerciais tivessem suas divindades tutelares». «Compreende-se, pois, a importância enorme atribuída aos templos que tinham assegurada uma boa renda para a manutenção do culto e contavam com uma numerosa e bem organizada classe sacerdotal.

Entre as principais manifestações da vida religiosa figuravam sacrificios de animais, libações, queimas de aromas, peregrinações, etc.

Os objetos de todo o gênero que eram enterrados com os defuntos sugerem a crença numa vida de além-túmulo.

b) Arábia Central e Setentrional

Nabateus

O reino dos nabateus surgiu como consequência do movimento migratório periódico que se desenvolvia a partir do deserto no sentido da periferia, em busca de regiões em que florescia uma cultura mais adiantada.

Entre os autores da Antiguidade que nos fornecem notícias sobre os nabateus figuram Deodoro da Sicília (séc. I aC) e Flávio Josefo (séc. I dC).

Situado na periferia da região palestinese, com o centro em Petra, ponto importante da via comercial que percorre a Península Sílica, o estado nabateu sofreu a forte influência da língua e de outros aspectos da civilização aramaica.

A partir do século VII aC são mencionadas tribos árabes (em acádio chamadas *nabayat*) que levavam uma vida nômade de pastoreio e de comércio na região sul e leste do Mar Morto. «Essas tribos ocuparam, por volta da primeira metade do século VI aC, o país dos edomitas (*idumeus*) e fundaram um reino com a capital em Petra (tradição grega do hebraico Sela)».

Os nabateus resistiram durante séculos à pressão dos vizinhos poderosos. Assírios, persas e sucessores de Alexandre tentaram, em vão, submetê-los totalmente. Em 312 aC Antígono enviou contra eles duas expedições que não obtiveram êxito. Nessa época, note-se, os nabateus encontravam-se dentro da esfera de influência dos Ptolomeus.

A época que precede imediatamente a ocupação romana da Síria (65 aC) assinala o apogeu do reino nabateu cujo domínio se estendia, então, por toda a região situada ao leste e ao sul da Palestina, atingindo em sua extremidade meridional a cidade de el-Hadjr, atual: Medain Salih.»

O rei *Arretas III* (al-Harith, Harithat III — cerca de 87-62 aC) foi cognominado Filo-heleno em virtude da profunda influência exercida no reino pelo helenismo. Sábios, poetas e médicos contribuíram para elevar o nível cultural da população. «Elas escreviam em aramaico, a língua de todo o Crescente Fértil desde, pelo menos, a época pérsica, usando uma escrita que é ancestral da escrita árabe. Mas a língua falada era o árabe.»

Em relação aos romanos, os nabateus procuraram manter uma relativa independência na qualidade de aliados. César (47 aC) apeliou para essa aliança solicitando a *Malco I* (Mailik, Mailiku) a contribuição de cavalaria para a luta no Egito. *Obodas III* ('Ubaydah, 'Obidath — cerca de 28-9 aC) reinou na época da já citada expedição militar romana. Sob o longo reinado de *Arretas IV* (9 aC — 40 dC) a Arábia Petreia vive uma época de prosperidade. Os nabateus ocupam, então, a Coele-Syria e é curioso anotar que S. Paulo menciona expressamente o etnarca (governador) do rei *Arretas IV* como a autoridade que tentou aprisioná-lo: «Em Damasco o etnarca do rei *Arretas* pôs guarda na cidade dos damascenos para me prender e pôr uma janela, numa cesta, fui descido pelo muro e escapei às mãos deles» (2Cor 11,32-33).

Malco II prestou auxílio aos romanos na guerra contra os judeus enviando cavaleiros e infantes para reforçar o ataque a Jerusalém.

Rabhi II (71-106) foi o último soberano nabateu independente, pois em 106 o imperador Trajano, como já vimos, reduziu o reino nabateu à província do Império.

Palmyra

Tadmor (em latim e grego *Palmyra*) situava-se ao nordeste de Damasco, em um oásis no meio do grande deserto, ponto em que se encontravam as rotas de caravanas que uniam o Ocidente e o Oriente e, de modo especial, Damasco ao Eufrates.

Uma inscrição de Tiglath-Pileser I menciona esse local como «*Tadmor dos Amurru*».

Palmyra desenvolveu-se, como o reino dos nabateus, sob a forte influência aramaica que se fez sentir não só na língua como também nas «formas essenciais do pensamento cultural e religioso dos arameus.»

Não sabemos exatamente a época em que os árabes tomaram posse da região. Em 41 aC Marco Antônio tenta, em vão, apoderar-se das riquezas da cidade. Palmyra, entretanto, não podia deixar de integrar a órbita do Império Romano, mas deve-se notar que os negociantes souberam aproveitar-se habilmente da situação geográfica entre partas e romanos e da hostilidade entre ambos os Impérios no sentido de auferir maiores lucros.

A transformação do reino dos nabateus em província do Império deve ter concorrido para aumentar o progresso de Palmyra, pois, de certa forma, dificultava a atuação de seus concorrentes.

Na época de Adriano, Palmyra está vinculada ao Império. O imperador visita a metrópole do deserto que passa a denominar-se *Hadriana Palmyra*. Sétimo Severo transforma Palmyra em cidade provincial do Império. No início do terceiro século a cidade adquire a situação de colônia.

A tutela romana foi favorável a Palmyra que alcança seu período de esplendor entre os anos 130 e 270 da era cristã. Podemos avaliar seu prestígio econômico quando verificamos que seu comércio interno attingia a própria China.

Integrada no Império Romano, os palmienses usufruíram contudo de bastante autonomia. Assim é que no século III encontramos à frente da cidade uma espécie de chefe supremo qualificado nas inscrições como exarca ou príncipe. Um desses dignitários, Hairanes, prestara importantes serviços a Septímio Severo na guerra contra os partas.

Quando, em 260, o imperador Valeriano tomou prisioneiro, Septímio Odenato (Odenatus, Udhaynah), filho de Hereniano, assedia as tropas persas que regressavam de Antioquia fazendo a guerra por conta própria. Em 262 Odenato assume o título de rei, deixando a administração da cidade a uma alta personalidade que unia os cargos de procurador imperial e funcionário real. Como aliado de Roma, o novo soberano continuou a lutar indo atacar por duas vezes, em pleno Irã, a dinastia dos Sassânidas. Odenato e seu filho mais velho acabaram traçoelramente assassinados em Hims (Emesa) possivelmente por instigação dos romanos que duvidavam da lealdade do chefe palmirense (266-267).

Zenóbia (em aramaico: Bath Zabhai, em árabe al-Zabba, Zaynah), viúva do rei, tomou o título de rainha e governou em nome de outro filho do falecido, Wahballat. Durante seis anos (267-273) Zenóbia, famosa por sua beleza, seus dotes intelectuais e sua ambição, dominou o Oriente: o Egito foi ocupado e as tropas de Palmira chegaram, na Ásia Menor, até as portas de Bizâncio. Dois generais palmienses, Zabbay e Zabda, contribuíram decisivamente para o êxito militar de Zenóbia. Roma porém iria reagir. Aureliano (270-275), um dos mais famosos imperadores ilírios, derrotou o general Zabda em Antioquia e nas proximidades de Hims e entrou em Palmira na primavera de 272. Zenóbia tentou fugir mas tomou prisioneira de Aureliano e foi levada a Roma. Palmira revoltou-se novamente e o imperador fê-la destruir. Mais tarde reconstruíram-se as muralhas que, entretanto, cercavam uma cidade bem menor cuja importância comercial havia diminuído consideravelmente, pois a rota das caravanas situava-se, agora, mais ao norte através das planícies de Nisibe e de Edessa em direção de Antioquia. "

Outros estados árabes

A decadência iemenita levou tribos inteiras a emigrar para o norte em busca de novas terras. O resultado final desse movimento migratório foi a constituição de novas entidades no limite do deserto. Elas iriam repetir e renovar a função outrora assumida pelos estados de Petra e de Palmira.

Em torno de Damasco encontramos, nos séculos V e VI, o reino dos sassânidas. Na mesma época os lácnidas fundam na região do Eufrates o estado de Hira. Esses dois estados encontram-se na periferia do deserto de que se constituem verdadeiras sentinelas avançadas.

Mais para o interior deparamos com o estado de Kinda que consegue reunir uma confederação de tribos árabes da Arábia Central em torno de um único chefe, «caso impar antes do Islã».

Sobre cada um desses estados árabes pré-islâmicos vamos escrever algumas linhas.

Os Gassânidas

Segundo a tradição árabe os gassânidas descenderiam de uma tribo da Arábia Meridional que teria abandonado o Iêmen após a ruptura da represa de Mar'ib e emigrado para o Norte. Uma parte dos emigrantes dirigiu-se para a Síria estabelecendo-se na região sudeste de Damasco, no extremo norte da rota comercial que ligava Mar'ib àquela importante cidade. Como outras tribos árabes que se estabeleceram no Crescente Fértil, os gassânidas sofreram a influência aramaica, adotando a língua aramaica falada na Síria sem que abandonassem sua língua nativa, o árabe.

Integrados politicamente na esfera do Império Bizantino e convertidos ao cristianismo monofisita, o reino dos gassânidas (cuja capital era primitivamente um acampamento móvel e posteriormente foi sediada em al-Yabiyyah, antiga Gaulanítida, e em Jilliq, perto de Damasco), atingiu o apogeu de sua história no século VI com o reinado de Aretas II ibn-Jabalal (529-569). Esse soberano passou grande parte de sua vida guerreando a favor de Bizâncio. Em 529 Justiniano agraciou-o com os títulos de patricio e filarca. Em 563 o soberano visitou a cidade de Constantinopla causando profunda impressão na corte imperial.

Al-Mundhir (Alamundaros nas crônicas bizantinas), filho e sucessor de Aretas, visitou Constantinopla em 580 onde recebeu uma preciosa coroa do imperador Tibério II. Nesse mesmo ano al-Mundhir atacou e incendiou o Hira, capital dos lácnidas. Suspeito de traição para com o Império, al-Mundhir foi aprisionado pelos bizantinos. Essa prisão despertou grande reação por parte dos filhos do soberano os quais sob a liderança do irmão mais velho, al-Nu'man, invadiram o território do Império causando terríveis devastações. Al-Nu'man acabou também aprisionado e transportado para a capital. Desde então o reino dos gassânidas entra em anarquia e decadência. Segundo os cronistas árabes o último rei gassânida foi Jabalal ibn-al-Ayham que na famosa batalha de Yarmuk (636) combateu ao lado dos bizantinos contra os árabes.

Os Lácnidas

Por volta do final do terceiro século dC encontramos o deserto sírio dominado por uma família árabe, os Bann Lakhm, pertencente à tribo dos Tanukh. Os Tanukh pretendiam ter origens yamanitas (yemenitas) e sua chegada à região do Eufrates coincide com a situação confusa criada pela queda dos arsácidas e ascensão dos sassânidas na Pérsia. O acampamento temporário dos Tanukh transformou-se em permanente e ficou conhecido na História com a designação de *Hira* (do síriaco *herta* = acampamento). Este local seria a capital da Pérsia árabe. "

O verdadeiro fundador do reino de Lácida foi «Amr ibn'Adi ibn-Nasr ibn Rabi'ah ibn Lakhm que se estabeleceu no Hira tornando-a capital de seu reino.

Entre os reis lamidas cujo nome a história registra, lembremos, a título de exemplo, os seguintes:

Imru'al-Qays I, falecido em 328 e cujo epítáfio reveste importância para o estudo da história da escrita árabe. Imru' considerava-se «rei de todos os árabes» e gloriava-se de haver submetido diversas tribos e situado a distante Najran, na Arábia do Sul.»

Al-Nu'man I al-A'war (400-418), descendente de Imru', foi celebrado na poesia e na lenda. Teria mandado construir o castelo de al-Khawarnaq nas proximidades do Hira para residência do príncipe *Bahrán Gor* (Yahram-Ghur), filho do rei sassânida Yazdgerd I (Yazdagird).

Al-Mundhir (418-462), filho e sucessor de al-Nu'man, teve grande prestígio. Contribuiu decisivamente para a ascensão de Bahram ao trono da Pérsia e em 421 lutou ao lado do sassânida contra o Império bizantino.

Al-Mundhir III (505-554), chamado pelos árabes Ma-al-Sama, é famoso pelos reides efetuados na Síria. Seu grande adversário foi o sassânida Aretas.

Amr ibn-Hind (554-569), filho e sucessor de al-Mundhir III, ficou famoso, ao mesmo tempo, como tirano e como protetor dos poetas, que ele pretendeu utilizar como verdadeiros agentes de propaganda de sua própria influência entre os beduínos.

O reino do Hira acabou completamente subordinado a governadores persas até submeter-se a um exército muçulmano em 633.

Kinda

Kinda (Kindah) era uma tribo árabe que tinha seu território na região oeste de Hadramaut. Formou um estado sob o governo de uma dinastia cujo fundador foi Hudjr, cognominado Akil al-Murar e meio-irmão do soberano hmarita Hassan Thuba. Este dominara as tribos da Arábia Central e confiara o poder a Hudjr.

Aretas (†529), neto de Hudjr, é considerado o mais bravo rei de Kinda e chegou a reinar por um breve período no Hira. A discórdia entre os filhos de Aretas levou o efêmero reino de Kinda à decadência e dissolução. A existência desse reino assinala uma importante tentativa de reunir as tribos da Arábia Central sob uma única autoridade. «Mas, em seu conjunto, os nômades evitavam toda a forma de vida organizada. Reunidos em tribos pelos vínculos de sangue, eles se deslocavam, instáveis e independentes, através das grandes extensões de areia.»

Em contraste com essa vida do deserto encontramos no Hedjaz centros urbanos situados na rota das caravanas os quais atraíam, de quando em vez, os habitantes do deserto. Yathrib (a futura Medina) e,

mais ao sul, Meca, constituíam duas cidades da Arábia pré-islâmica que desempenhariam papel relevante na História do Islã. Sobre ambas vamos, a seguir, escrever algumas linhas.

Medina — Yathrib (Ythrib nas inscrições dos sabeus e «Yathrippa» nos escritos de Ptolomeu) chamada posteriormente *Medina* (al-Madina = a cidade, do aramaico *Medina* = distrito sobre que se estende a jurisdição de um tribunal, cidade) situa-se no Hedjaz, em uma planície, ao norte de Meca.

Um dos acontecimentos importantes na história da cidade (na realidade, um oásis rico em água subterrânea) foi a imigração de judeus numa época a respeito da qual os autores não estão de acordo. A influência cultural exercida pelos imigrantes sobre a população indígena teria importantes consequências para a futura história do Islã. Graças a sua situação geográfica Medina tornou-se importante centro comercial que se comunicava com o Mar Vermelho e a Abissínia através do porto de Yanbu'.

Meca (Makkah, do sabeu Makuraba = santuário), chamada Macoraba por Ptolomeu, era um importante centro comercial e religioso. Seu desenvolvimento está ligado à sua situação geográfica, verdadeira encruzilhada de rotas comerciais por onde se processava o tráfico de essências preciosas que demandavam o mundo Mediterrâneo. As caravanas encontravam aí a água de fontes alimentadas pelas chuvas do inverno. Entre essas fontes figurava a de Zeném. «A estranha aglomeração agrupada em torno do poço de Zeném e do santuário da Caaba se encontrava vantajosamente acampada na extremidade da Ásia dos brancos e da África dos negros, na vizinhança de uma brecha na cadeia do Sarat perto de um nó de estradas que seguiam da Babilônia e da Síria para os platôs do Iêmen, para as margens do Oceano Índico e do Mar Vermelho. Por este último se comunicava com o misterioso continente africano.»

Nos dias de feira e de cerimônias religiosas, multidões de árabes procedentes das mais diferentes regiões da península convergiam para Meca: «não existia na Arábia Central localidade que lhe fosse equivalente como ponto de centralização e de trânsito.»

Vamos encerrar este item sobre a Arábia Setentrional e Central pré-islâmica com breves observações relativas a alguns aspectos da civilização que se desenvolveu nessas regiões durante a época focalizada.

Já sublinhamos a importância das atividades econômicas no desenvolvimento histórico da Arábia pré-islâmica. Nos estados focalizados neste item o fator econômico está presente e ativa, não raro, decisivamente na evolução política.

Petra com sua situação geográfica entre o Jordão e a Arábia Central e com suas abundantes reservas de água pura constituía necessariamente o alvo das caravanas provenientes do sul da península. Mas note-se que a vida econômica dos nabateus não se limitou somente à atividade comercial atestada aliás em inscrições do Egeu e de Pozzuoli. Na Transjordânia existem traços significativos do desenvolvimento que esse povo imprimiu à irrigação e à agricultura.

A situação privilegiada de Palmira entre os dois grandes impérios deu-lhe fama e riqueza. «Sua posição geográfica com seu abundante suprimento de águas frescas minerais proporcionava um lugar de encontro não só para o tráfico oriental e ocidental, mas também para a corrente comercial que partia da Arábia do sul no sentido sul-norte. O «chefe da caravana» e o «chefe do mercado» figuram nas inscrições como cidadãos influentes. No decurso do segundo e do terceiro séculos de nossa era, essa metrópole do deserto tornou-se uma das mais ricas cidades do Oriente Próximo».

A posição geográfica, já vimos, determina também a vida econômica de Meca que passa a organizar as suas próprias caravanas em lugar de limitar-se simplesmente a permitir passagem por seu território das caravanas dos árabes meridionais. «Homens e mulheres aí traficavam, especulavam sobre o carregamento das caravanas esperadas ou ainda sobre os cereais na alta e na baixa. Sociedades se formavam para as caravanas. Os dividendos atingiam 50 a 100%».

As caravanas dos mequenses atingiam, ao norte, a Palestina e a Síria, ao sul chegavam até o Iêmen, desempenhando o papel de intermediárias entre bizantinos, egípcios, persas, árabes e abissínicos.

Ao sul de Meca, Taif produzia frutos, legumes e vinhos e em todo o Hedjaz setentrional, estendendo-se até Medina, instalavam-se tribos de agricultores judeus.

«E» provável que, desde a destruição de Jerusalém pelos exércitos romanos, núcleos de judeus se tenham deslocado para o sul e se tenham fixado ao longo da rota comercial e dos oásis do Hedjaz. Adotando a forma de vida sedentária, dedicavam-se principalmente à agricultura; no que dizia respeito ao culto e à prática das tradições, permaneciam fechados em si mesmos. Sua civilização, embora modesta, devia parecer um milagre aos olhos dos beduínos — ignorantes que os olhavam com uma mistura de inveja e de respeito; por sua vez, os judeus consideravam os árabes de quem eles, entretanto, haviam adotado a língua, com um sentimento de desprezo que deve ter-lhes sido fatal no encontro com Maomé».

Um rápido olhar sobre a estrutura política dos estados da Arábia Central e Setentrional mostra-nos a predominância do regime monárquico. Em Meca, entretanto, encontramos uma espécie de república de negociantes. A oligarquia governante compõe-se de um conselho de chefes de clãs e de notáveis. Esse conselho chamava-se Mala' e era o equivalente urbano do Conselho tribal.

Com relação às atividades artísticas, convém repetir Moscati: «Não existem artes no deserto. Alguns traços somente aparecem nos estados do Norte: em Petra vêem-se, talhadas a pique na rocha calcária, fachadas de túmulos que causam grande admiração por suas cores vivas; em Palmira, uma grande parte da colunata que marcava o acesso da cidade está ainda de pé e alguns restos de templos consagrados aos deuses subsistem ainda. Mas nessas duas cidades a atividade artística desenvolveu-se na maior parte fora do círculo semítico, sob a influência direta de motivos helenísticos e romanos».

As recentes escavações arqueológicas, as alusões contidas no Corão, os textos de autores antigos e as informações prestadas pelo Livro dos Ídolos do muçulmano Ibn al-Kalbi constituem as principais fontes para o estudo do fenômeno religioso que caracteriza profundamente a civilização da Arábia pré-islâmica.

Convém sublinhar, desde logo, que o patrimônio espiritual às vésperas do aparecimento do Islã apresenta-se bastante heterogêneo. Como já vimos anteriormente, a península não pôde ficar fora do círculo de influência das grandes religiões monoteístas. Os reinos árabes setentrionais (Gassânidas e Lacmídas) adotaram a religião cristã. Colônias cristãs «estabeleceram-se no Hedjaz, em Meca e no Iêmen, donde entraram em contacto com os correligionários da margem oposta etíope. Simultaneamente, os monges do deserto exerceram uma ação de propaganda religiosa, enquanto viviam de um modesto comércio».

Entre os nabateus e palmirenses encontramos um verdadeiro sincretismo religioso que reúne sobre uma base árabe elementos locais e aramaicos. Em Petra era venerado em um magnífico templo sob a forma de uma pedra preta retangular, o deus nacional, Dushara (Dhu Shara, Dusares). As inscrições nabatéias de Petra e da região do Jordão oriental mencionam freqüentemente essa divindade «em que se encarna provavelmente uma forma do deus semítico da fertilidade». Como principal divindade feminina figurava, ao lado de Dushara, a deusa árabe Al-lat que Heródoto identificou com Afroditê Urânia.

Em Palmira encontramos o Baal semítico sob a forma de Baal Shamin (Senhor dos céus), «denominação idêntica à que ele traz entre os fenícios». Entre outras numerosas divindades aparece também no panteão dos palmirenses a deusa Al-lat «e, com ela, a tríade astral comum a tantos povos semíticos».

Entre os beduínos do deserto encontramos uma diversidade de crenças religiosas que representam a forma mais primitiva das crenças semíticas e que possuem uma base comum no animismo. A imaginação beduína considerava sagrados os mais diferentes objetos tais como as fontes, as árvores, as pedras, etc. Na crença simples dos beduínos desempenhavam importante papel os *djins* que representavam «o lado da vida da natureza ainda insubmissa e hostil ao homem». Enquanto os deuses eram, de um modo geral, propícios aos homens, os *djins* eram hostis. Essas entidades personificavam noções fantásticas dos terrores do deserto e de sua vida animal selvagem. Os habitantes de Meca, na época de Maomé, afirmavam a existência de um parentesco entre os *djins* e Alá e ofereciam-lhes sacrifícios, implorando seu auxílio.

Os beduínos atribuíam aos *djins* todos os acontecimentos anormais e funestos, as epidemias, as doenças, a impotência dos homens e a esterilidade das mulheres, a demência e também a loucura do amor. Quando uma criança desaparece, é que ela foi raptada por um *djinn*. Às vezes o *djinn* se contenta em pregar peças aos homens, ele se insinua em um touro e impede as vacas de beber; é necessário que o dono do gado bata no pobre touro para que o *djinn* se afaste, donde

o provérbio a respeito daquele que sofre o castigo por outro: «como o touro que é batido quando a vaca não quer beber».²⁶

O fracionamento das divindades entre os beduínos reflete não só o fato da dispersão das tribos mas também a existência de uma força centrífuga. «Em alguns casos raros somente essa força é atenuada; de tempos em tempos uma divindade isolada sai do quadro das vicissitudes puramente locais para alcançar um culto mais geral e uma ressonância mais vasta. Tal foi o caso das três deusas veneradas nas proximidades de Meca: Al-Allah, Manat e al-Uzza. Acima delas estava seu pai, Alá».²⁷

Alá (allah, al-ilah). Esse vocábulo, que significa *deus*, era empregado pelos árabes para designar a divindade suprema em geral e também, segundo Moscati, «para definir uma ou outra das figuras divinas proeminentes».²⁸

Segundo o Corão, os mequenses consideravam Alá como criador e supremo provedor. Hitti observa que Alá «evidentemente era a divindade tribal dos coreichitas». «Foi em Alá que se inspirou Maomé «para levar a religião da Arábia ao plano de um monoteísmo universal».²⁹

Al-lat (de Ilahah, a deusa) é citada em inscrições dos nabateus e dos palmirenses. Foi cultuada por diferentes tribos de beduínos e possuía um santuário no vale de Wadjidi, nas proximidades de Taif onde era representada por uma pedra branca.

Al-Uzza, deusa cujo nome significa «forte, possante», possuía seu santuário principal no vale de Naklah, no caminho que vai de Taif a Meca e onde se encontravam três árvores em uma das quais Al-Uzza se manifestava.

Manat (Manāh) era uma deusa do destino (seu nome significa o destino), especialmente do destino que traz a morte e cultuavam-na várias tribos. Seu santuário principal consistia em uma pedra negra localizada em Qudayd, na estrada que leva de Meca a Medina.

Vamos encerrar este item dizendo algumas palavras sobre a Caaba e as peregrinações.

Caaba (Kaaba, a designação provém do aspecto da construção que lembra um cubo) era um antigo santuário localizado em Meca e cujas origens se perdem em tradições lendárias.

«Na crença dos muçulmanos ortodoxos, a Caaba foi construída ou reconstruída dez vezes. A primeira fora erigida na alvorada da história pelos anjos do céu; a segunda por Adão; a terceira pelo seu filho Set; a quarta por Abraão e seu filho Ismael, filho de Agar... a sétima por Qusay, chefe da tribo curaixita (Quraysh), a oitava pelos chefes coraixitas, no tempo de Maomé (605); a nona e a décima pelos dirigen-tes muçulmanos em 681 e 696».³⁰

No ângulo sudeste da Caaba encontra-se a famosa Pedra Negra, objeto de veneração desde épocas remotas.

Entre as manifestações religiosas da Arábia pré-islâmica figuram as peregrinações aos santuários. Não somente os fiéis das divindades mas também estrangeiros se dirigiam aos lugares sagrados onde prestavam homenagens aos deuses cultuados e também aproveitavam a oportunidade para fazer bons negócios, pois às festividades religiosas acrescentava-se a realização de feiras.

Os santuários com suas dependências constituíam recintos sagrados em que os fiéis penetravam após sacrifícios purificatórios. Músicas, cantos, ofertas de sacrifícios e de presentes de toda a sorte compunham o quadro dessas solemnidades religiosas. O entusiasmo dos fiéis era traduzido também por meio de percursos em torno do santuário ao som de gritos em homenagem à divindade cultuada.

1. Moret, *Histoire de l'Orient*, p. 268.

2. Miquel, *O Islame*, p. 28. Ver também Mantran, *L'Expansion*, p. 254.

3. Atyah, *Os Árabes*, p. 8 e 9.

4. Moret, *Histoire de l'Orient*, p. 268.

5. Pittard, *Les Races*, p. 483.

6. Idem, *ibidem*.

7. Rodson, *L'Expansion*, p. 8.

8. Basios d'Avila, *Anthropologia Física*, p. 286.

9. Mantran, *L'Expansion*, p. 65. Con- sultar também *Encyclopédie de l'Islam*, vol. I, *Verbebe Arabie*, p. 377 «*Ethnographie*».

10. Miquel, *O Islame*, p. 40-41.

11. Hitti, *History*, p. 10.

12. Idem, *ibidem*.

13. Idem, *ibidem*, p. 8.

14. Idem, *ibidem*, p. 9.

15. Atyah, *Os Árabes*, p. 8.

16. Hitti, *History*, p. 8.

Pittard, *Les races*, p. 483) anota: «On croit que le type arabe le plus pur est l'habitant du sud de l'Arabie, dehors de ces régions, que l'on veut bien considérer comme les moins pures par les «étrangers». L'arabe arabit subit, son pourtour en partie, des influences environnantes avec les populations environnantes. C'est pourquoi, Malheureusement les renseignements relatifs à l'anthropologie des Arabes nous apparaissent particulièrement rares, lorsque nous les cherchons parmi ceux qui ressortissent aux arabes de l'Arabie proprement dite».

17. Moscati, *Historia*, p. 190.

18. Idem, *ibidem*.

19. Hitti, *History*, p. 34. Ver também nossa *História da Antiguidade*

Oriental, p. 87, sobre relações comerciais entre Egito e Arábia.

20. Hitti, *History*, p. 37.

21. Idem, *ibidem*, p. 38.

22. Idem, *ibidem*, p. 39.

23. Renée, *Mannet*, II, p. 181.

24. Idem, *ibidem*, II, p. 406.

25. Hitti, *History*, p. 45.

26. Idem, *ibidem*, p. 46.

27. Cary e Warnington, *Les Explorateurs*, p. 99.

28. Idem, *ibidem*, p. 100.

29. Idem, *ibidem*, p. 101.

30. Idem, *ibidem*, p. 226-227.

31. Chapot, *Le Monde*, p. 262.

32. Moscati, *Historia*, p. 190.

33. Idem, *ibidem*.

34. Idem, *ibidem*, p. 177.

35. Hitti, *History*, p. 52.

36. Moscati, *Historia*, p. 180.

37. Moscati, *Historia*, p. 180. Deve-se observar que as inscrições (como em geral a maioria dos textos semíticos) só gravam as consonantes, o que torna a citada vocalização hipotética. Quanto ao significado de príncipe-sacerdote convém repetir Rodson (L'Arabe avant l'Islam, p. 15): «On a vu d'après une éty-mologie, dans ces souverains des rois-prêtres. Mais cela a été mis en doute».

38. Hitti, *History*, p. 38 e 52.

39. Idem, *ibidem*, p. 54.

40. Idem, *ibidem*. — Sobre Sirwah, consultar também *Encyclopédie de l'Islam*, vol. IV, p. 470.

41. Mantran, *L'Expansion*, p. 63. Um contra-se na *Encyclopédie de l'Islam*, vol. III, p. 298ss.

42. Segundo Mantran, *L'Expansion*, p. 63: «On pense que le royaume de Saba a connu son déclin vers la fin

- siècle avant J.C. et est alors passé sous la domination d'un autre peuple sud-arabique, les Himyarites, dont l'un des derniers souverains, Dhonouwâs, se convertit au judaïsme».
43. Moscati, *Histoire*, p. 180.
44. Hitti, *History*, p. 54.
45. Moscati, *Histoire*, p. 180.
46. Sobre o «Périplo» consultar nossa *História de Roma*, cap. VII. O «Périplo» deve ser anterior a obra de Plínio.
47. Cf. *Enciclopédia*, t. IV, p. 8.
48. Hitti, *History*, p. 58.
49. Rodinson, *Mahomet*, p. 51-52.
50. Mantran, *L'Expansion*, p. 63-64.
- O autor cita aqui Rodinson, *Mahomet*, p. 53-54.
51. Moscati, *Histoire*, p. 178.
52. *Idem*, *ibidem*, p. 180.
53. *Idem*, *ibidem*, p. 189-190.
54. Demombynes, *Mahomet*, p. 35-36.
55. Moscati, *Histoire*, p. 183.
56. Rodinson, *L'Arabe avant l'Islam*, p. 27.
57. Moscati, *Histoire*, p. 191-192. — Segundo Hitti (p. 68): «Al-Hijr (Madain Salihi) in northern al-Hijaz must have also in the first century of our era been included in the Nabataean Kingdom as the inscription there attests».
58. Rodinson, *L'Arabe avant l'Islam*, p. 28.
59. Hitti, *History*, p. 74.
60. Moscati, *Histoire*, p. 192.
61. Chapot, *Le Monde*, p. 268.
62. Rodinson, *L'Arabe avant l'Islam*, p. 30.
63. Miquel, *O Islame*, p. 40.
64. Hitti, *History*, p. 81.
65. Rodinson, *L'Arabe avant l'Islam*, p. 30.
66. Moscati, *Histoire*, p. 193.
67. *Enciclopédia de l'Islam*, v. III, p. 607.
68. Moscati, *Histoire*, p. 194.
69. Hitti, *History*, p. 74.
70. Rodinson, *L'Arabe avant l'Islam*, p. 34.
71. *Idem*, *ibidem*.
72. *Idem*, *ibidem*.
73. Moscati, *Histoire*, p. 197.
74. *Idem*, *ibidem*, p. 198.
75. *Idem*, *ibidem*, p. 197.
76. *Idem*, *ibidem*, p. 195.
77. *Idem*, *ibidem*.
78. *Idem*, *ibidem*.
79. *Enciclopédia de l'Islam*, vol. I, p. 1076.
80. *Idem*, *ibidem*.
81. Demombynes, *Mahomet*, p. 34.
82. Moscati, *Histoire*, p. 195-196.
83. *Idem*, *Histoire*, p. 196.
84. Hitti, *History*, p. 101.
85. Moscati, *Histoire*, p. 198.
86. Durant, *História*, 4ª parte, T. I, p. 229.